



# SEGUNDO CADERNO

## AGAMENON



HUMOR

### Comédia da vida privatizada

#### FIGURAÇA DA SEMANA

#### Luciano Huck



• O filme "Tropa de elite" continua aumentando a violência nas cidades urbanas brasileiras. Desta vez a vítima foi o apresentador do programa "Nação do Huck" e dono de uma ONG, Organização Nasal Governamental, Luciano Huck. Huck foi assaltado em São Paulo e obrigado a entregar o seu Rolex. Ora, para quem usa Rolex, "tempo é muito dinheiro". Indignado, o In-crível Huck escreveu um artigo no jornal "Trolha de São Paulo" que sacudiu a opinião pública e despertou mais uma violenta polêmica, quer dizer, polêmica, no meio intelectual brasileiro. Para alguns idiotas de esquerda, o crime cronológico sofrido pelo Huck seria mais um ato de justiça social e, a esta hora, ( com trocadilho, por favor) o Rolex já foi servido dentro de um sopão do Fome Zero para uma família de miseráveis. Já os débeis mentais de direita discordam desta tese e acham que o nareboso apresentador deveria ter convocado o Capitão Nascimento para dar um corretivo nesses vagabundos. Confesso que não li o artigo do Huck. Como meus 17 leitores e meio (não se esqueçam do anão) já estão cansados de saber, não sei ler, só sei escrever. Mas acho que o Huck tem razão: ele sempre soube onde meter o nariz. Principalmente quando casou com a Angélica.

#### O PENSAMENTO DO DIA

(Quer dizer do GLOBO)

*'Yo no creo em broxas, pero que los ay, ay'*

CERVANTES, lanchonele e escritor espanhol

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva continua fazendo uma cópia pirata do governo Privatizando Henrique Cardoso e o que é pior: sem pagar direitos autorais. Primeiro foi a política econômica, totalmente chupada de Felando Henrique. Agora, o pessoal do PT só não foi longe demais porque as estradas estão todas esburacadas e acabou privatizando várias rodovias federais. Quem levou a parada foi um megaconsórcio de empresários espanhóis liderados pelo Chico Recarey, que ganhou o direito de cobrar pedágio dos cidadãos. As milícias da PM chegaram em segundo lugar.

Os espanhóis estão invadindo o Brasil! Até mesmo eu, Agamenon Mendes Pedreira, fui sondado por um grupo de empresários galegos. A sondagem foi muito dolorosa, e eu fiquei uma semana sem poder sentar para negociar. Sempre fogaosa e a favor da livre iniciativa, Isaura, a minha patroa, também está interessada em entrar na transação, já que é especialista na "espanhola", uma famosa prática sexual lbero-mamária. Os audaciosos empreendedores castelhanos querem comprar a minha coluna para publicá-la em espanhol, e o meu Dodge Dart 73, enferrujado, que fica estacionado na porta do GLOBO, passaria a ficar estacionado na porta do "El País", em Madri.

Mas estes vorazes espanhóis estão muito enganados. Sou um jornalista independente e isento. Isento de caráter e de moral. Eu não estou à venda, mesmo porque já fui comprado há muito tempo. E o que é pior: quem comprou ainda não pagou as prestações.

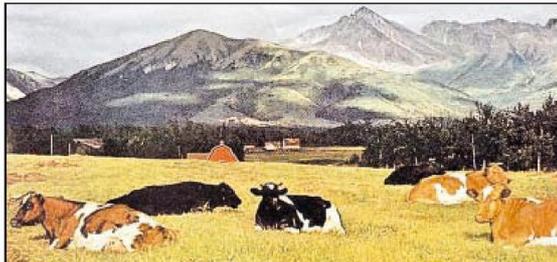
AGAMENON MENDES PEDREIRA es periodista del GLUEBO

#### DEPOIS QUE SAIU

a "Playboy" com suas fotos nas quais está totalmente depenada, quer dizer, pelada, a ex-mamante de Renan só consegue sair na rua acompanhada por um segurança

#### APÓS SE EXIBIREM

nas ruas do Rio, as vacas da Cow Parade já estão se preparando pra ir pro brejo



# Quem entra no Maracanã entra no MAM

Exposição 'Arte para crianças' quer mostrar que toda pessoa pode se emocionar com obras contemporâneas

Suzana Velasco

Uma exposição sem temas, sem textos explicativos, sem começo, meio e fim. Não há entre as obras qualquer comunhão de estilo, técnica ou artista. É a proposta da exposição "Arte para crianças", que, apesar de ser destinada a todas as idades, faz uma provocação no título para dizer que não é preciso formação prévia para se apreciar arte contemporânea. Depois de passar pelo Museu Vale do Rio Doce, em Vila Velha, no Espírito Santo, onde conquistou o recorde de público do local (cerca de 50 mil visitantes), a mostra chega ao Museu de Arte Moderna (MAM) do Rio, na próxima quarta-feira. Ernesto Neto, Eduardo Sued, Yoko Ono, Rubem Grilo, Eder Santos, Amílcar de Castro, Lawrence Weiner, Cildo Meireles, Mariana Manhães e Emmanuel Nassar mostram que, seja através da pintura, da escultura, do vídeo ou da gravura, qualquer um pode ser afetado pela arte.

#### Visitante pendura pedidos nos galhos de Yoko Ono

O curador Evandro Salles evita a palavra lúdico para pensar a exposição. "Lúdico" remete a participação, interação, e não é bem assim. Obras participativas estão ali, como o grande abrigo



"UNI VERSO bebê II lab", de Ernesto Neto, é uma das obras participativas presentes na mostra do MAM

arte contemporânea. — A mostra não privilegia o aspecto lúdico, ela também tem obras que exigem uma abordagem contemplativa. Nada infantiliza os trabalhos, eles são às vezes bem complexos — afirma Salles. — Não há uma unidade das peças, cada uma é independente no universo que aborda, nas técnicas. Também não há uma relação direta entre uma obra e outra.

A idéia é entre e aproveite. Você pode passear pelas 140 pequenas esculturas em aço de

rio". A qualidade é que os une na mostra. — Quereria que a exposição tivesse uma alta qualidade, independentemente do tipo de trabalho — diz Salles. — E queria oferecer um panorama das diversas possibilidades, direções, que a arte propõe hoje, desde um clássico da arte conceitual, o Lawrence Weiner, até um artista como Rubem Grilo, que é mais narrativo e tem uma técnica tradicional. Ambos grandes artistas, independentemente de suas

se inspirou, uma lenda criada pelo artista de duas meninas que nasceram unidas pelo cabelo e que são decapitadas na adolescência, por não aceitarem se separar. O curador também fez os desenhos e a direção do vídeo "Histórias da unha do dedo do pé do fim do mundo", baseado em poemas de Manoel de Barros. Com roteiro de Bianca Ramoneda, animação de Marcia Roth e música de Tim Rescala, os poemas criam vida na tela. Há ainda videoinstalações.

Divulgação Reprodução



MINILOGRAVA DA SÉRIE "Arte menor", de Rubem Grilo

do Meireles com madeira e 1.600 fios de algodão de 500 metros; e "O Jogo", de Emmanuel Nassar, pintura inspirada numa partida de futebol, feita especialmente para a mostra. Tudo sem bulas, para crianças e adultos. — Quando afastam a idéia de que, para viver uma experiência estética, se precisa de uma informação e uma formação especiais, as pessoas se entregam àquela obra, inclusive os adultos — diz Salles. — Existe hoje um discurso que encobre esses objetos. Um discurso que, na verdade, é uma tentativa de

Numa mostra chamada "Arte para crianças", é de se esperar que o programa educativo seja fundamental. Salles procurou fugir do modelo de monitores com textos decorados, uma ordem a seguir, um tempo mais ou menos padrão para se deter em cada obra. No Rio, o projeto está a cargo da crítica de arte Luiza Interlenghi, e Salles quer que cada grupo de crianças tenha tempo para passear pela mostra. O curador reconhece a dificuldade de criar um programa educativo que não dirija o olhar, que não

criado por Ernesto Neto, um verso bebê II lab", que chama o espectador a tocar, pular, deitar e ali ficar o tempo que quiser. Ou algumas das cinco obras de Yoko Ono, como "Árvores do desejo", em que o visitante escreve um pedido e o pendura num dos galhos. Mas Salles ressalta que não é a interatividade que define a possibilidade de desfrutar a

Amílcar de Castro, ou ficar só admirando a grande, de 2,40 metros. Brincar com as esculturas dobráveis em madeira, também de Amílcar. Contemplar as 381 minixilogravuras de Rubem Griolo, conjunto chamado de "Arte menor", e descobrir entre elas uma gravura animada. Ou entrar na casa de cor criada por Eduardo Sued, "A nave e o imaginá-

escomas. Entre os vídeos — e aí, mais uma vez, a interação dá lugar à contemplação — estão dois dirigidos pelo próprio Salles, de nove minutos cada. Um deles, "Xifópagas capilares entre nós", baseia-se no trabalho homônimo de Tunga, que não será exposto no Rio. O vídeo conta a história em que a obra

deixa pressão e "Caminhos em espera", de Eder Santos, são projeções sobre objetos. Já "Bulhosos" e "Palindrômicos", de Mariana Manhães, são estruturas que se movem a partir de circuitos eletrônicos, com monitores de vídeos aclopados. A exposição traz ainda duas obras que não passaram por Vila Velha: "La bruja", instalação de Cil-

vertuare, e quase imposto a eles e acaba reduzindo seu potencial transformador. As pessoas acham que têm que saber História da Arte, fazer um curso. Isso é um equívoco. A tentativa é tirar do meio do caminho esses elementos que facilitariam a intermediação do público, mas, na verdade, impedem uma experiência plena.

— Existe uma contradição em se fazer um programa educativo propondo que a vivência seja o ponto de condução — afirma. — Os monitores têm que estar abertos para, a cada momento, terem uma experiência diferente. Queremos deslocar certos métodos, e errar os métodos, se for o caso. ■